

Discurso na Assembleia Municipal da Covilhã – 25 de Abril de 2025

“Exmo. Senhor Presidente da Assembleia Municipal;

Exmo. Senhor Presidente da Câmara Municipal;

Exma(s). Senhoras e Senhores Vereadores;

Exma(s). Senhoras e Senhores Deputados Municipais;

Exma(s). Senhoras e Senhores Presidentes de Junta;

Exmo(s). Representantes de Entidades de Ensino;

Exmo(s). Representantes de Entidades Religiosas, Cívicas e Paramilitares;

Exmo(s). Representantes das Associações Desportivas e Culturais;

Exmo(s). Senhoras e Senhores da Comunicação Social;

Ilustres convidadas e convidados;

Minhas Senhoras e meus Senhores;

Comemoramos hoje 51 anos da Revolução de Abril. Celebra-se a liberdade, a democracia e a conquista de direitos que transformaram Portugal num país mais justo e igualitário, mas também celebramos algo muito especial: faz este ano 50 anos que as mulheres e os homens em Portugal puderam votar em liberdade pela primeira vez.

Foi em 1975, nas eleições para a Assembleia Constituinte, que o povo português, depois de décadas de ditadura, pôde finalmente exercer o seu direito de voto em democracia, sem medo, sem repressão. Um direito que hoje pode parecer garantido, mas que foi conquistado com luta, coragem e sacrifício — e que deve ser lembrado e defendido todos os dias.

Uma questão que devemos fazer hoje é: Estamos a honrar esse legado? Estamos a garantir que essa liberdade chega verdadeiramente a todas e todos?

Esta liberdade, que conquistámos com o 25 de Abril, não pode ser apenas um símbolo ou uma recordação. Tem de ser vivida e reforçada.

Infelizmente, vemos hoje sinais de retrocesso. Os direitos fundamentais das mulheres, das jovens e das meninas em Portugal estão novamente sob ataque — não por acaso, num tempo em que a extrema-direita ganha espaço e o discurso do ódio se normaliza.

A realidade mostra-nos que há direitos fundamentais em risco: a violência de género continua a devastar vidas: mulheres assassinadas, vítimas silenciadas, famílias destruídas. A desigualdade persiste nos salários, no acesso à habitação, na conciliação entre a vida profissional e familiar. E, pior, vemos uma tentativa de banalizar e até justificar formas de violência, com discursos perigosos que tentam inverter a realidade, conjuntamente com a falta de resposta pública eficaz para combater a violência doméstica e o assédio. Estes são sinais alarmantes de um retrocesso que não podemos aceitar.

Mas o problema não se limita à violência de género. A crise da habitação agrava-se todos os dias. Jovens e famílias de trabalho veem-se forçados a abandonar as suas terras por não conseguirem pagar rendas ou comprar casa. A habitação é hoje um luxo inacessível para milhares de pessoas — quando deveria ser, como defende a ~~CDU~~ ^{PEP}, um direito constitucional, garantido pelo Estado.

Enquanto isso, os preços dos alimentos continuam a subir, atingindo de forma brutal quem trabalha, quem recebe reformas baixas, quem vive com o mínimo. Comer bem, com qualidade e dignidade, está a tornar-se um privilégio, num país que devia assegurar soberania alimentar, valorizando a produção nacional e combatendo a especulação das grandes cadeias de distribuição.

Na saúde, a degradação do SNS é visível: falta de médicos, encerramento de urgências, tempos de espera inaceitáveis. Milhares de utentes sem

médico de família, outros empurrados para o setor privado, à custa do seu bolso e da sua saúde. ~~A CDU~~ ^{PSD} insiste: o SNS tem de ser público, universal, gratuito e de qualidade — e exige investimento, não cortes.

Também na educação se sente o desinvestimento e o desrespeito por quem ensina e por quem aprende. Professores desvalorizados, escolas degradadas, falta de pessoal não docente, alunos que não têm acesso aos apoios de que precisam. Uma escola pública forte é essencial para combater desigualdades e formar cidadãos livres e conscientes — como quer o espírito de Abril.

E num mundo marcado por guerras e ameaças, onde a paz parece cada vez mais distante, é urgente afirmar uma voz clara e firme em defesa da Paz. ~~A CDU e~~ o PCP têm-na mantido — contra a corrida ao armamento, contra a instrumentalização dos conflitos, e em solidariedade com todos os povos que lutam pela sua autodeterminação e liberdade. Porque não há justiça social sem paz, e não há paz sem justiça.

~~A CDU e~~ o PCP não se resignam. ^{PSD} Têm sido uma força ativa e coerente na defesa da liberdade, da igualdade e da justiça social. Têm apresentado propostas concretas, como:

- A criação de um Estatuto de Vítima para mulheres que denunciam violência doméstica, com proteção efetiva e condições de autonomia;
- O reforço da rede pública de creches e serviços de apoio à infância, para garantir a igualdade de oportunidades desde o início da vida;
- A valorização salarial nas profissões altamente feminizadas, como a saúde, o ensino e o trabalho social;
- A promoção de uma educação para a igualdade, com combate eficaz ao sexismo, ao assédio e à cultura da impunidade;
- O controlo público do mercado da habitação, o fim da especulação e o aumento da oferta pública de arrendamento;
- A baixa dos preços dos bens essenciais, combatendo lucros excessivos da grande distribuição;

- O reforço do SNS e da escola pública, com mais investimento, mais profissionais e melhores condições para quem serve o país;
- Uma política externa de paz, solidariedade e respeito pela soberania dos povos.

Estas propostas têm sido, muitas vezes, rejeitadas por aqueles que dizem defender a igualdade, mas que, na prática, perpetuam a injustiça. O 25 de Abril não pode ser apenas uma data de comemoração; tem de ser um compromisso para agir e avançar.

E é nesse compromisso que se inserem as eleições que se aproximam. As próximas eleições legislativas e autárquicas são momentos decisivos para escolhermos que país queremos construir. Não podemos permitir que forças políticas que desprezam os direitos das mulheres, que negam a violência de género, que atacam o SNS e a escola pública, e que alimentam o medo e a divisão, tenham espaço para avançar com a sua agenda de retrocesso.

A liberdade só é verdadeira quando chega a todas e a todos. E por isso é tão importante lembrar que o voto — essa arma poderosa conquistada há 50 anos — continua a ser um instrumento fundamental para mudar o presente e construir o futuro.

Não podemos deixar que sejam os inimigos de Abril a decidir o nosso destino. É preciso reforçar os que lutam diariamente por direitos, por justiça, por igualdade — e por uma sociedade onde ninguém seja deixado para trás.

O 25 de Abril trouxe-nos a esperança de um país livre e democrático. Mas essa liberdade exige vigilância, coragem e ação.

Porque Abril tem de ser, sempre, de todas e de todos!

Viva o 25 de Abril! Viva a Liberdade! Viva a luta pelos direitos de todas e de todos! Viva a Paz, a Educação, a Saúde e a Justiça Social!